

Política e cultura: Antonio Gramsci e os socialistas italianos

Daniela Mussi

Doutoranda em Ciência Política
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Política e cultura: Antonio Gramsci e os socialistas italianos

Resumo: O artigo tem por objetivo apresentar três momentos do debate sobre cultura no início do século XX na Itália, no contexto em que Gramsci se aproximou do movimento socialista e que publicou suas primeiras intervenções políticas. Resgata a aproximação com o socialismo e as primeiras intervenções jornalísticas de Gramsci durante a I Guerra Mundial, entre 1914 e 1916, nas quais o tema da cultura adquiriu um papel importante. Evidencia a dívida gramsciana com os argumentos culturalistas de Gaetano Salvemini e Angelo Tasca, mas também seus primeiros esforços por superar a dicotomia entre cultura e política.

Palavras-chave: 1. Antonio Gramsci; 2. Cultura; 3. Política; 4. Marxismo

Politics and culture: Antonio Gramsci and the Italian socialists

Abstract: The article aims to present three moments in the debate on culture in the beginning of the 20th century in Italy, in the context in which Gramsci came near to the socialist movement and published his first political interventions. It rescues Gramsci's approximation with socialism and his first journalistic interventions during World War I, between 1914 and 1916, in which the issue of culture has assumed an important role. It evidences the Gramscian debt to the culturalist arguments of Gaetano Salvemini and Angelo Tasca, but also his first efforts to overcome the dichotomy between culture and politics and his first approximation with Marxism.

Keywords: 1. Antonio Gramsci; 2. Culture; 3. Politics; 4. Marxism

Este artigo tem por objetivo apresentar três momentos do debate sobre cultura no início do século XX, na Itália, no contexto em que Gramsci se aproximou do movimento socialista e que publicou suas primeiras intervenções políticas. Fortemente atraído pelas correntes de pensamento neoidealistas que se destacavam no ambiente intelectual italiano desde os primeiros anos do século XX, a afinidade de Gramsci com os setores “culturalistas” do Partido Socialista Italiano se deu logo nos primeiros anos de sua vida universitária em Turim, iniciada em 1912.

No interior do movimento socialista, a perspectiva culturalista se destacava, entre outros, nas ideias do historiador meridional radicado em Florença, Gaetano Salvemini, colaborador da revista *La Voce* e fundador da revista *L'Unità*. O engajamento de Gramsci em seus primeiros anos como membro da juventude socialista, por sua vez, encontrou na figura de outro estudante de letras da Universidade de Turim, o jovem socialista Angelo Tasca, o principal aliado.

Na primeira parte, o artigo explora o momento de crise do Partido Socialista Italiano que, em 1912, sofre uma forte guinada à esquerda, com a derrota interna e expulsão de um conjunto de dirigentes reformistas. Esse é o momento da ascensão da figura de Benito Mussolini entre os socialistas, mas também do fortalecimento de uma perspectiva crítica ao imobilismo e determinismo do PSI. Aqui, o problema da cultura passou a adquirir espaço e relevância, como parte do debate sobre a formação de uma nova classe dirigente.

Em seguida, apresenta as polêmicas sobre cultura e revolução no interior da juventude socialista em 1912, setor fortemente impactado pelos debates do partido. Os polemistas Angelo Tasca, “culturalista”, e Amadeo Bordiga, “revolucionarista”, encarnam a polarização entre a necessidade de pensar e o

dever de agir. É nesse contexto, às portas da I Guerra Mundial, que Gramsci se aproxima do movimento socialista, intrigado pelo papel que o PSI poderia cumprir na sociedade italiana.

Por fim, resgata a aproximação com o socialismo e as primeiras intervenções jornalísticas de Gramsci entre 1914 e 1916, nas quais o tema da cultura adquiriu um papel importante. Evidencia a dívida gramsciana com os argumentos de Salvemini e Tasca, mas também seus primeiros esforços por superar a dicotomia entre cultura e política e sua aproximação com o marxismo. Pontua, portanto, o papel do conceito de cultura na gênese de um pensamento político radicalmente engajado e de futuro distraidamente promissor.

A solução "culturalista" para a crise do socialismo italiano

Quando Antonio Gramsci mudou-se para Turim no final de 1911, aos vinte anos, depois de aprovado em uma seleção de bolsas para estudantes pobres provenientes dos territórios do ex *Regno di Sardegna*, seus principais interesses eram os estudos e encontrar formas de trabalhar para sobreviver (RAPONE, 2011, p. 39; FIORI, 2003, p. 84 e ss.). A entrada na Universidade de Turim como estudante de Letras teve um grande impacto na vida do jovem sardo, que conhecia pela primeira vez uma cidade com forte perfil industrial e urbano. As cartas trocadas com familiares mostram que os sentimentos de Gramsci uniam um misto de espanto com a nova condição e preocupação com a própria sobrevivência (cf. GRAMSCI, 2009).

Neste momento, Turim era uma das cidades italianas com maior concentração demográfica, com mais de 425 mil habitantes, sete vezes maior do que a população da cidade sarda de Cagliari, de onde Gramsci vinha.¹ Nessa época, a capital do Piemonte já despontava como forte centro industrial, “especialmente em virtude dos carros produzidos por seus estabelecimentos

1 No Censo de 1911, Turim possuía 427.106 habitantes, número que subiria para 502.706 em 1921, sendo a capital do Piemonte a quarta maior cidade do país. Fonte: *Ministero di agricoltura, industria e commercio* (1861-1921). Dados disponíveis em: www.timeseries.istat.it. Acesso em 04 dez. 2012.

automobilísticos, a começar pela Fiat” (D’ORSI, 2004, p. 18).² A indústria automobilística ajudava a consolidar na cidade “o núcleo mais homogêneo, qualificado e compacto do operariado metalúrgico” da Itália (*idem, ibidem*).

A Universidade de Turim, centro da cultura positivista desde a metade do século XIX, estava em consonância com o caráter industrializante da região e consolidava nesta época uma vida editorial científica e didática de relevo nacional (D’ORSI, 2000, p. 4). Por outro lado, a vida universitária que Gramsci conhece, especialmente nos cursos de Letras e Direito, possuía “relação estreita com os organismos culturais (bem como outras iniciativas livres) da cidade” (*idem, ibidem*).

Leitor e admirador dos florentinos Giovanni Papini e Giuseppe Prezzolini e de sua revista *La Voce*,³ bem como do intelectual meridional Gaetano Salvemini, ex-vociano, e da recém criada revista *L’Unità*, Gramsci trazia na bagagem um contato com o movimento neoidealista, crítico ao determinismo e ao positivismo filosófico e inspirado pelas elaborações que o filósofo napolitano Benedetto Croce desenvolvia desde o final do século XIX (cf. MUSSI, 2014; DELLA TERZA, 1984, p. 147).

Jovem estudante universitário identificado com a questão do Sul e ilhas e sua relação com o Norte italiano, Gramsci nutria grande estima pelas elaborações sustentadas por Salvemini,⁴ que nesse período ainda era membro

2 Em 1911, a Fiat contava “com um capital social de 17 milhões de liras, e produzia 3.000 carros anualmente sob a direção de Giovanni Agnelli, e contava com 3.320 trabalhadores” (D’ORSI, 2004, p. 18).

3 A revista *La Voce*, com o subtítulo *Rassegnadi cultura italiana e straniera*, surgiu em dezembro de 1908. Era dirigida por Giuseppe Prezzolini e tinha entre seus colaboradores figuras como Giovanni Papini, Giovanni Amendola, Luigi Einaudi, Salvatore Minocchi, Benedetto Croce, Giovanni Gentile, Giovanni Boine, Augusto Monti e Gaetano Salvemini. *La Voce* surgia como conjunto de “polêmicas contra o mundo oficial da cultura, as suas convenções, as suas instituições; e contra o costume e as ideologias das classes políticas e o mundo a elas consoante e vinculado” (ROMANÒ, 1960, p. 24).

4 Gaetano Salvemini (1873-1957) foi um importante historiador italiano. Nascido na região Sul da Itália, mudou-se para Florença onde se especializou em história medieval. Profundamente interessado na questão agrária, Salvemini foi um importante proponente do problema meridional como questão nacional para o país, bem como o tema da reforma educacional. Sua agenda política teve forte influência nos jovens liberais e socialistas italianos do início do século XX.

do Partido Socialista Italiano (PSI), além de crítico ferrenho do governo de Giovanni Giolitti.⁵ No PSI, Salvemini assumia uma postura “reformista de esquerda”, posição que se reforçou entre 1910 e 1912, quando PSI viveu o ápice de uma crise interna na qual as tendências reformistas e revolucionárias polarizaram entre si, especialmente no balanço da relação do partido com o governo.

Em 1910, no Congresso de Milão, o partido sofrera fortes divisões internas. Havia a ala reformista, representada por dirigentes como Ivanoe Bonomi e Leonida Bissolati, que defendia o aprofundamento do apoio e participação no governo italiano. A ala esquerda, na qual se localizava Salvemini, que criticava a participação e apoio ao governo, mas não se identificava com o “revolucionarismo” ou qualquer forma de ruptura jacobina com o poder. E, por último, se formara uma ala de extrema esquerda, na qual despontou pela primeira vez a figura de Benito Mussolini como dirigente político. Esta última cresceu no interior do partido a partir de então e passou a fortalecer a ideia de depuração do mesmo dos setores reformistas, o que se concretizou no Congresso de Reggio Emilia, em 1912.

Nesse conflito interno, Salvemini assumiu uma posição de “terceira via”, de defesa de uma reforma no interior do partido que permitisse sua autonomia em relação ao governo, ao mesmo tempo em que evitasse a escalada do “revolucionarismo” no interior da organização (SALVEMINI, 1910, p. 412-413). A seu ver, essa reforma deveria colocar, no centro do partido, a bandeira do sufrágio universal, por meio da qual poderia se aproximar das massas trabalhadoras e se afastar da politicagem interna ao governo, bem como propor para elas uma série de mudanças importantes para o país, a serem atingidas gradualmente (*idem, ibidem*).

5 Giovanni Giolitti (1842-1928) foi um importante homem de estado italiano, tendo ocupado o cargo de Primeiro Ministro por cinco vezes entre 1891 e 1921. Sua forma de fazer política era conhecida pelas coalizões que buscava fazer entre interesses da grande burguesia e representantes dos partidos e organizações socialistas e sindicais. O chamado “longo ministério” de Giolitti, entre 1906-1909, é considerado fundamental para a burguesia italiana perceber, com Giolitti, que, por mais avançada que fosse, não era capaz de formar uma “classe política forte” e autônoma, mas que dependia do governo (RAGIONIERI, 1976, p. 333; SCAVINO, 2006, p. 55).

A defesa do sufrágio universal como centro da política socialista se relacionava, de resto, com a concepção mais geral que Salvemini sustentava em relação ao socialismo e à própria revolução. Estudioso da Revolução Francesa, tema sobre o qual chegou a publicar um livro,⁶ Salvemini concebia as grandes transformações políticas como resultado da interferência das grandes massas na política em determinado momento histórico, processo este que poderia ter resultados heroicos ou desastrosos, a depender da orientação seguida pela “multidão exasperada e frenética” (*idem*, 1905, p. 138). Apesar da ênfase na participação popular, em sua pesquisa sobre o período entre 1789 e 1792 na França ganhavam destaque os intelectuais responsáveis por profundas transformações culturais que antecederam o processo revolucionário e os grupos políticos que disputavam a opinião pública ao longo dos eventos mais marcantes da revolução (*idem*, p. 372, 358).

Dentre os revolucionários Girondinos e Jacobinos, Salvemini buscava se distanciar de ambos, mostrando que nenhum dos dois poderia ser responsável por simbolizar, isoladamente, o sucesso ou o fracasso das lutas políticas. Nesse sentido, ainda, a revolução deveria ser pensada como obra intelectual, “quase que completa dos filósofos pré-revolucionários”, responsáveis por refutar “as velhas regras no campo da vida prática” e abrir um espaço possível por onde as massas incultas poderiam caminhar em um contexto de crise das classes dominantes (*idem*, p. 354).

Em julho de 1912, a realização do Congresso de Reggio Emilia confirmou a derrota dos setores reformistas giolittistas que haviam aderido à política militar do Estado italiano na invasão da Líbia em 1911, bem como consagrou Mussolini “como uma das figuras de primeiríssimo plano no interior do partido socialista, (...) como um dos expoentes da fração revolucionária em escala nacional” (DE FELICE, 1995, p. 84). A vitória congressual da “intransigência absoluta” no que diz respeito às eleições e ao parlamento, foi consolidada, além disso, pela

6 Livro chamado *La Rivoluzione Francese* (1788-1792), publicado pela primeira vez em 1905 (cf. SALVEMINI, 1905). Alguns anos depois, em carta escrita em 1918 a Giuseppe Lombardo Radice, Gramsci mencionou o uso deste livro, entre outros de Salvemini, como parte da bibliografia usada nas iniciativas de formação de jovens operários socialistas (GRAMSCI, 2009, p. 177).

expulsão dos dirigentes “radicais-socialistas” Bissolati e Bonomi, bem como de outros “reformistas de direita”, do PSI (*idem*, p. 115). Esta divisão interna foi o contexto em que Salvemini iniciou seu afastamento progressivo do partido e ampliou sua crítica aos socialistas, combinada à criação d revista *L’Unità*, onde passou a expressar sua posição. Ao mesmo tempo, a nova orientação política do PSI, abriu um importante campo de disputa no qual os debates internos da juventude socialista representaram um importante episódio.

Cultura versus revolução: as polêmicas no interior da juventude socialista

Entre 1912 e o início de 1914, Gramsci dedicou seu tempo quase que exclusivamente aos estudos universitários e ao trabalho como professor de aulas particulares. Apesar disso, acompanhava as principais polêmicas intelectuais à distância, por meio da leitura dos jornais e revistas, especialmente *La Voce*, *L’Unità* e outras inspiradas no ambiente cultural neoidealista. Apesar disso, o contato com outro estudante de letras da Universidade de Turim, o socialista Angelo Tasca,⁷ a partir de meados de 1912, contribuiu para sua aproximação com o do Partido Socialista Italiano (PSI).

Nesse período, Tasca, já militante do PSI, intervia de maneira ativa nas atividades regionais e nacionais da *Federazione Giovanile Socialista Italiana* (Federação Jovem Socialista Italiana – FGSI), na qual iniciou, em julho de 1912, uma viva polêmica em que a relação entre cultura e socialismo foi tema central. Mesmo sem exercer ainda nenhum tipo de intervenção política própria e vítima de crises nervosas periódicas que o impediam de ler, estudar e escrever, Gramsci acompanhou com interesse as iniciativas de Tasca neste período e os debates no interior da FGSI (GRAMSCI, 2009, p. 111, 115).

7 Angelo Tasca (1892-1960) vinha de uma família operária, cresceu em Turim e presenciou o desenvolvimento industrial da capital do Piemonte. Sua vida política começou cedo, em 1909, quando fundou, no liceu em que estudava, a primeira organização da juventude socialista na cidade. Além de “militante exemplar”, Tasca desenvolve cedo o gosto pelos estudos e, assim como Gramsci, logo se aproxima das ideias propagadas pelos intelectuais neoidealistas italianos e também do marxismo (SOAVE, 1995, p. 20-25; FIORI, 2003, p. 92).

A Federação, fundada em 1903 em Florença e com sede em Roma, era a entidade responsável pela organização das seções regionais de jovens militantes socialistas e publicava, desde 1907, o periódico *L'Avanguardia – giornale di propaganda e di battaglia socialista* [A Vanguarda – jornal de propaganda e batalha socialista]. Neste, eram noticiadas as ações promovidas pelos jovens socialistas em cada cidade e província, bem como informes comentados a respeito da política da direção “adulta”. As campanhas promovidas pela FGSI giravam em torno de um programa fortemente anticlerical, antirreformista e internacionalista. Em 1912, sob a direção de Arturo Vella, o jornal impulsionava uma forte campanha antimilitarista iniciada em 1911 contra a campanha da Itália na Líbia.

Antimilitarista, o Comitê Central da FGSI encarava a guerra colonial promovida pela Itália como “necessidade” e “destino social” da burguesia, que evidenciavam o caráter vão dos acordos do partido socialista com o governo e as verdadeiras divisões sociais a partir dos interesses de classe (COMITATO CENTRALE, 1911a, p. 1). Para a direção da juventude socialista, em consonância com as mudanças políticas no interior do PSI, a unidade socialista deveria se dar ao redor da não participação no Estado italiano e da passagem à oposição parlamentar (VELLA, 1911, p. 1).

Nesse contexto, o “conteúdo espiritual”, “doutrina” e “sentimento” – portanto, a cultura – adquiriam importância no interior da juventude socialista e no *L'Avanguardia*, como possível solução para “a crise que há alguns anos dilacera o socialismo italiano” (*idem*, 1912, p. 1).⁸ A direção da FGSI sabia que, com esta polêmica, estava em jogo a própria integridade do PSI e contava com as depurações do congresso partidário convocado para 1912 na Emília Romana para, então, realizar seu próprio congresso (COMITATO CENTRALE, 1911b, p. 3).

8 A homenagem a Benito Mussolini, então dirigente da ala esquerda do PSI, pelo congresso regional da FGSI na Emilia Romana, realizado em Cervia em outubro de 1911, em razão de sua prisão política por ter organizado protestos contra a guerra líbia, evidencia a emergência de novas referências políticas no interior do partido socialista (*L'AVANGUARDIA*, 1911, p. 3). Em artigo publicado em fevereiro de 1910 no jornal *La lotta di classe*, o qual dirigia em Forlì, Mussolini já se conectava ao novo ambiente socialista: “O ideal é nossa meta (...) será o primeiro ato de nossa purificação. Em seguida, passaremos ao trabalho (...) Seremos pouco a pouco dignos da nova sociedade que desejamos e seremos capazes de criá-la.” (*apud* DE FELICE, 1995, p. 85).

Depois do Congresso do PSI, em 1912, a política “em favor da preparação e cultura socialista” no partido, proposta por Angelo Tasca e pela regional piemontesa da FGSI, ganhou destaque nos debates da Federação. Inspirado pelas ideias de intelectuais como Giuseppe Prezzolini e Gaetano Salvemini, Tasca entrevistou a esse respeito no jornal *L'Avanguardia* e nos fóruns da FGSI, e sua posição teve repercussão na recém criada revista *L'Unità*.

Em carta escrita na última semana de agosto de 1912, Tasca comentou sua intervenção sobre a “cultura jovem” e anunciou ao amigo Gramsci “uma ideia, que já está em plena maturação e que terá tua simpatia, com certeza. Se trata de um cenáculo de estudo e de arte, de preparação cultural” (GRAMSCI, 2009, p. 111-112). No início de setembro, Tasca retomou, na segunda etapa do congresso piemontês da FGSI realizada em Alessandria, sua polêmica em favor da “preparação cultural” entre os socialistas. Desta vez, precisou sua posição crítica ao próprio perfil do jornal *L'Avanguardia*, “que deveria ser menos polêmico e se ocupar mais da propaganda, da educação geral da juventude” (*L'AVANGUARDIA*, 1912b, p. 4). Sua proposta, aprovada por unanimidade, colocava a exigência de uma transformação completa da própria FGSI, “o que significa que a principal tarefa da Federação é, sobretudo, de preparação”, “de cultura e ação, sendo que a primeira tem mais importância” (*idem, ibidem*).

Em seguida, entre os dias 20 e 23 de setembro, Tasca participou do IV Congresso Nazionale [IV Congresso Nacional], realizado na cidade de Bolonha. Apesar de não fazer parte do Comitê Central e não ter sido indicado para nenhuma posição institucional no interior da FGSI, Tasca desempenhou um papel importante nos debates deste Congresso. No editorial de dezembro, Ugo Barni, diretor responsável pelo jornal recém eleito, resumiu: “a aprovação da ordem do dia sobre a orientação do movimento contemplando a fecunda discussão sobre a cultura foi o maior protesto contra o militarismo e a guerra” (BARNI, 1912, p. 1). A “discussão sobre cultura” se refere à intervenção de Tasca, feita em duas partes. Inicialmente, se discutiu a respeito da orientação do *L'Avanguardia*, na qual Tasca contestou Vella e apresentou uma proposta de resolução para que no jornal passasse a prevalecer “o trabalho de cultura”.

Na resolução de Tasca, “o congresso passaria a discutir o melhor modo pelo qual nosso movimento em geral – e o jornal que é a sua expressão – possam responder melhor à imperiosa necessidade de cultura e preparação manifestas

no movimento de jovens socialistas” (L’AVANGUARDIA, 1912, p. 1). A resolução proposta pela direção da FGSI, apoiada por Ugo Barni e, entre outros, pelo socialista napolitano Amadeo Bordiga, foi a de que “considerando que nosso movimento, além da missão de preparação e cultura, possui um caráter essencialmente político e de luta antiburguesa, afirma que a orientação consequente deva ser inspirada nestes conceitos, mantendo sua fisionomia de combate” (*idem, ibidem*).

A votação dividiu os delegados – 2.465 para a resolução de Tasca, contra 2.730 para a resolução da direção da Federação – e expôs a crise de orientação política do jornal, polarizada entre trilhar um caminho de formação e elaboração cultural ou reforçar o caráter de “ação, agitação e rebelião” que encontrara na vitória da tendência revolucionária e na expulsão dos reformistas de direita do PSI um novo fôlego. Neste mesmo congresso, Bordiga foi o relator de um ponto de debate chamado “Educação e Cultura”, e reforçou a ideia de que “nosso movimento é de cultura e preparação (...), mas fazemos o nosso trabalho (...) para minar revolucionariamente a sociedade” (*idem, p. 2*). Para Bordiga, a proposta de Tasca era expressão de um “intelectualismo socialista” que em nada se diferenciaria de um intelectualismo burguês. A cultura, de uma perspectiva revolucionária deveria ser “uma teoria baseada no estudo ou mesmo na fé de transformar as consciências” (*idem, ibidem*).

Em seguida, o debate sobre a reorientação da FGSI ganhou contornos novos, de oposição entre formação teórica e agitação socialista, entre renovação geral da cultura e difusão de uma doutrina socialista. Bordiga, que seria eleito em seguida como parte do novo Comitê Central, concluiu afirmando que a Federação não seria espaço para conformação de instituições culturais, já que este tipo formação deveria ser resultado do esforço individual de cada um. Em 3 de outubro, Tasca escreveu a Gramsci falando de sua atuação no Congresso de Bologna, “trabalho duro que me deixou todo moído (...) daqui um tempo colocaremos as coisas no lugar e poderemos realizar nosso sonho que é, pelo

menos para mim, uma verdadeira *necessidade espiritual*” (GRAMSCI, 2009, p. 115, grifo no original).⁹

Tasca não chegou a enviar sua apresentação escrita para Gramsci, mas a citação literal de uma partes em 12 de outubro na revista de *L'Unità*, indica que esta foi enviada na mesma época a um colaborador de Salvemini, Pietro Silva. No artigo, *I giovanili socialisti* [Os jovens socialistas], Silva apresentou um comentário a respeito do IV Congresso da FGSI, em que afirmava que os jovens italianos resolveram tentar “mostrar que estão vivos (...) neste difícil momento para o país” (SILVA, 1912, p. 174). Enquanto “os velhos dirigentes perderam a capacidade de agir” e o PSI se voltara, em muitos lugares, para os interesses mesquinhos e corporativistas, os jovens “com sua fé e energia fresca seriam capazes de impor uma nova corrente de vida e força no movimento proletário” (*idem, ibidem*). Para Silva, representante da posição salveminiana, o debate de cultura proposto por Tasca era o que melhor representava essa novidade.

Dentro do Congresso da FGSI, Tasca adquiriu ares de representante daqueles que buscavam ideias claras a respeito dos problemas e objetivos socialistas, “buscando estudar as condições da Itália e as causas verdadeiras da crise do partido socialista” (*idem, ibidem*). Ao citar o texto de Tasca, Silva destacou a crítica “à um partido que quer renovar o mundo, mas não renova a si mesmo”, em que “a cultura, ou seja, os homens” ficaram estacionados ao mesmo tempo “em que as teorias progrediram” (*idem, ibidem*). Apesar de Tasca, continuava, o Congresso de Bolonha não fora capaz de enfrentar esse “conjunto de coisas”, já que os líderes tradicionais se mantiveram no lugar, afirmando que não havia mais “crise do socialismo”, superada pelo Congresso de Reggio Emilia, e que restava à FGSI manter seu caráter de entidade de combate (*idem, p. 175*).

A revista de Salvemini seguiu dando atenção à polêmica dos jovens socialistas. Em 26 de outubro, outro colaborador do historiador napolitano, Carlo Maranelli, publicou um artigo¹⁰ retomando as impressões de Silva de maneira ainda mais pessimista. Para Maranelli, nenhum setor do partido –

9 Por “colocar as coisas no lugar” Tasca fazia referência tanto às crises de saúde do amigo Gramsci como aos problemas econômicos de sua família e aos problemas de saúde de seu pai (cf. RIOSA, 1979; GRAMSCI, 2009, p. 115-116).

10 Intitulado *Per una organizzazione di cultura* [Por uma organização de cultura].

organismos parasitas, forças renovadoras, movimento proletário industrial – era capaz de superar a estagnação do desenvolvimento do partido. No contexto “em que o país passa por uma nova entrada de forças populares na vida política por meio do sufrágio universal”, nenhum dos partidos atuais seria capaz de absorver e aguçar a ação política de maneira convincente e eficaz (MARANELLI, 1912, p. 182). Além do artigo de Maranelli, a *L'Unità* publicou, neste número, cartas de Tasca e Bordiga, enviadas à redação do jornal na semana anterior, em que a polêmica do Congresso da FGSI era comentada.

Para Tasca, Silva não acertara na caracterização do congresso, que havia sido rico, fraterno, politizado e cuja votação refletira de maneira importante o impacto do problema da cultura entre os jovens socialistas (TASCA, 1912, p. 184). Bordiga, por sua vez, dirigente recém eleito para o Comitê Central da FGSI, afirmou que o congresso não havia declarado “guerra à cultura”, tampouco negado a crise do socialismo ou a “necessidade de estudar suas causas e encontrar meios adequados para eliminá-las” (BORDIGA, 1912a, p. 184). A crise socialista, em sua opinião, não era uma “crise de cultura, mas de sentimento”, de fé socialista (*idem, ibidem*).

Em um comentário assinado por *L'Unità* (escrito por Salvemini?) a revista respondeu às duas cartas reafirmando a crítica à posição de Bordiga. A cultura, dizia, é algo que não deve ser secundarizado ou desprezado pelos socialistas, já que “não basta querer, é preciso também saber” (L'UNITÀ, 1912a, p. 184). A fé e entusiasmo, neste caso, serviriam como fonte para “a dura e penosa disciplina de estudar antes de operar, ou seja, apoderar-se da realidade antes de pretender agir sobre ela” (*idem, ibidem*). Sem esta “fase” cultural, a pura vontade conduz ao “ressecamento de toda fé e entusiasmo”, bem como de seus propósitos. Este ressecamento estivera na origem da crise do partido socialista, cuja busca pela “praticidade” levava à negação de todo ideal.

Poucas semanas depois, em 9 de novembro, *L'Unità* publicou uma nova carta de Bordiga à Salvemini. Nesta, o dirigente da FGSI refutou as críticas dizendo que não considerava toda a cultura inútil, mas que não seria prático “dedicar-se a um trabalho essencialmente de cultura escolar no campo socialista” (BORDIGA, 1912b, p. 192). Isso por que o socialismo teria suas bases “não tanto na cultura como no sentimento de solidariedade proletária”, sendo

que a negação desta é uma realidade comum a muitos “estudiosos dos problemas técnicos” (*idem, ibidem*).

A resposta, novamente assinada por *L’Unità*, questionou o fato de Bordiga associar sempre a cultura à escola, sendo esta apenas “um meio de transmitir cultura, o que faz muito mal diga-se de passagem” (*L’UNITÀ*, 1912b, p. 192). Neste caso, caberia chamá-la de “ignorância escolar”. O termo cultura, aqui, adquiriria contornos bem definidos “como sentido de vivaz desejo de apoderar-se dos elementos da realidade, bem como do esforço penoso por conquistá-los e transformá-los no sentido dos nossos ideais” (*idem, ibidem*). Assim, ao usar o “bom sentido de cultura” seria possível afirmar que foi por meio do “estudo dos problemas” que Bordiga concluiu que este “é tempo perdido” que pode levar à negação do triunfo socialista.

Ao final do ano, em 22 e 29 de dezembro, um artigo de Tasca publicado em duas partes no *L’Avanguardia*, *Note d’un “culturista”* [Notas de um culturalista], reforçou as críticas ao dirigente da FGSI. “Bordiga quer ‘acender’, nós queremos ‘evangelizar’”, começou Tasca (*TASCA*, 1912b, p. 2). Assumir a postura de “vanguarda” na vida do movimento jovem socialista não poderia se restringir à assinatura em artigos, mas seria preciso “um trabalho complexo delicado e dedicado” (*idem, ibidem*). Este deveria contribuir para superar a “desconfiança histórica das massas no partido” gerada pela luta interna sem real conteúdo político e pelo parlamentarismo (*idem, ibidem*).

A “obra séria de cultura”, portanto, estaria no centro da elaboração de um programa capaz de “reconstruir, com paciente ardor, a bagagem ideal” do partido, como “base necessária da ação prática” capaz de assegurar o que foi conquistado e avançar (*idem, ibidem*). Em sua polêmica com Bordiga, Tasca propunha a cultura de um ponto de vista político, como ponto de partida para pensar o socialismo como “tomada de poder do movimento”, e não como “assistente facilitador” (*idem, ibidem*). Para tal, as observações de Salvemini eram retomadas para propor a cultura como conhecimento “da natureza dos fins” que se quer atingir e “adequação ao meio em que se atua” (*idem, ibidem*).

Tasca compartilhava a argumentação antijacobina de Salvemini de que “a revolução verdadeira não estará nos dias das barricadas, mas no dia seguinte”, como “tomada do poder socialista” sobre toda a vida e seus problemas (*idem, 1912c, p. 2*). Sua posição, cujo impacto fora grande no interior da FGSI, era a de

que a cultura se sobrepunha à ação revolucionária, como “consciência de fazer bem”, “método e guia” (*idem, ibidem*). Tasca traduzia, no interior da juventude socialista, aspectos da posição de “terceira via”, para a qual nem o reformismo pró Giolitti e nem o revolucionarismo vitorioso no interior do PSI eram capazes de conduzir o partido adiante. Da crítica ao pensamento determinista e voluntarista de Bordiga, Tasca passava à ideia da revolução a partir de um ponto de vista “cultural”, como “meio com qual se oferece à classe trabalhadora a capacidade e possibilidade de bastar a si mesma” (*idem, ibidem*).

“Cultura é organização”: o revolucionário “historicista” de Turim

As cartas trocadas com Tasca entre 1913 e 1914 evidenciam as condições nas quais Gramsci se aproximou e aderiu ao socialismo italiano. Entre elas, cabe destacar a posição favorável à vitória da ala esquerda no interior do PSI, o que significava a ruptura com o governo e a política deste para a região Sul e a Sardenha. A vida partidária socialista interessou progressivamente a Gramsci à medida que este acompanhou sua dinâmica e seus debates internos. O jovem sardo seguia dedicadamente com seus estudos de filologia na universidade, com leituras nas quais a cultura neoidealista ocupava espaço relevante, mas sofria com a falta de recursos e crises de saúde periódicas (GRAMSCI, 2009, p. 121, 125, 129, 131, 154). Ainda assim, seu interesse na política socialista cresceu nesse período.

“Evangelizador”, Tasca mantinha, nesse mesmo período, uma atividade regular ministrando aulas sobre temas relevantes ao socialismo na seção de Turim, anunciadas no jornal *L'Avanguardia*, como “iniciativa de cultura”, quando foi chamado, em setembro de 1913, a cumprir seis meses de serviço militar obrigatório (*idem*, p. 141-143). Em outubro, Gramsci aderiu ao grupo sardo da *Legha Antiprotezionista* [Liga Antiprotecionista] impulsionada pelas

revistas *La Voce*, *L'Unità* e *Riforma Sociale* (FIORI, 2003, p. 101).¹¹ Esta Liga tinha por objetivo criar uma rede para pressionar os candidatos às eleições gerais de 1913 no sentido de medidas antiprotecionistas (redução de tarifas alfandegárias principalmente), capazes de estimular o desenvolvimento das regiões menos desenvolvidas do país. Para o caso da Sardenha de Gramsci, a pobreza e o desemprego haviam se tornado problemas crônicos desde o final do século XIX, quando o livre comércio de exportação agrícola com a França fora proibido para beneficiar a burguesia industrial do norte da península (LA VOCE, 1913, p. 1175; FIORI, 2003, p. 38).

Os planos de Tasca com Gramsci nasciam como fruto de uma compreensão mútua da necessidade de ampliar o acesso à cultura nos meios socialistas. No entanto, a adesão do jovem sardo ao socialismo foi também resultado da profunda impressão que as eleições gerais de 1913 provocaram. No período em que estava na Sardenha, durante as férias escolares, Gramsci observara impressionado “a transformação produzida neste ambiente pela participação das massas camponesas nas eleições”, a interpretação “mística” que estas haviam dado ao fato eleitoral, “acreditando que tudo mudaria no dia seguinte ao voto” (TASCA, 1971, p. 88; FIORI, 2003, p. 102). Ao mesmo tempo, olhava para o recuo das organizações socialistas, resultado da crise que o PSI vivia, e era impossível não concluir a importância da organização partidária para lidar com este contexto de massificação da política.

Em carta enviada em outubro, Tasca comentou as eleições recém realizadas: “a vitória do socialismo não se prepara com vitórias eleitorais (...) mas com a elaboração cansativa de novos valores ideais realizada pelos poucos capazes” (GRAMSCI, 2009, p. 146). A “nossa revolução”, continuava, “consiste em uma inversão de valores (...) todo o resto será de pouco valor e não duradouro” (*idem*, p. 147). Ao dialogar com o amigo que descobria a importância da vida política nacional para as massas, Tasca completava: “não existe consciência sem autonomia” (*idem*, p. 148). Gramsci, por sua vez, notara que a inclusão de amplos estratos sociais na vida eleitoral impunha uma “mudança de método”

11 A adesão ao “Grupo de ação e propaganda para os interesses da Sardenha”, lançado em 28 de agosto, foi feita por carta de Gramsci à Attilio Deffenu em 28 de setembro de 1913 (GRAMSCI, 2009, p. 143). Em 9 de outubro, a revista *La Voce* publicou sua adesão, “Antonio Gramsci, de Ghilarza” (LA VOCE, 1913, p. 1175).

aos partidos políticos, que agora precisavam apresentar um programa político para poder vencer, já que a vitória pela corrupção do voto ficara mais difícil (FIORI, 2003, p. 104).

De volta à Turim, Gramsci participou de sua primeira iniciativa como militante socialista, compondo em abril de 1914 o *Gruppo Studentesco Socialista di Cultura* [Grupo Estudantil Socialista de Cultura], criado a partir de uma iniciativa de Tasca. Foi neste contexto que se aproximou, ainda, de outros estudantes universitários socialistas e que começou a se interessar pelo marxismo, em especial para entender o processo formativo da cultura no sentido da revolução.¹² O problema da cultura era, para ele, o da transformação das ideias em força prática (*idem*, p. 112).

Sua referência se mantinha forte “em Croce, antipositivista e antimetafísico, e em Salvemini, em sua batalha contra a degeneração corporativa do socialismo” (*idem, ibidem*). Gramsci compartilhava o sentimento de seus companheiros socialistas de Turim a respeito de Mussolini, que nutriam grande admiração e expectativas com relação ao seu papel no interior do partido (RAPONE, 2011, p. 12). A Grande Guerra começou em 28 de julho deste ano, e em 4 agosto, Mussolini passou a expressar uma posição ambígua, sem rejeitar veementemente o envolvimento na guerra tal como queriam os socialistas (MUSSOLINI, 1953, p. 298).

Em 18 de outubro, contra a ideia socialista de “neutralidade absoluta”, Mussolini lançou a palavra de ordem “neutralidade ativa e operante”, e passou a ser criticado no interior do PSI, o que culminaria em sua expulsão alguns dias depois, do partido e do *Avanti!*.¹³ Em 24 de outubro, Tasca escreveu um artigo no *Il Grido del Popolo* onde lamentou a postura de Mussolini – a quem os socialistas haviam “depositado toda a confiança” – com relação à guerra (RAPONE, 2011, p. 13-14). Uma semana depois, Gramsci iniciou sua vida pública

12 Entre 1914 e 1915, Gramsci frequentou algumas aulas particulares do professor Annibale Pastore, que conheceu por intermédio de seu professor de glotologia Matteo Bartoli. Entre os temas das aulas, o estudo do marxismo chamava atenção do jovem estudante de letras (FIORI, 2003, p. 112).

13 Especialmente no artigo *Dalla neutralità assoluta alla neutralità attiva ed operante* [Da neutralidade absoluta à neutralidade ativa e operante], publicado no *Avanti!* que Mussolini então dirigia (MUSSOLINI, 1953, p. 393).

como intelectual socialista, assinando o artigo *Neutralità attiva ed operante* [Neutralidade ativa e operante] no mesmo jornal, na rubrica *La guerra e le opinioni dei socialisti* [A guerra e as opiniões dos socialistas]. Neste, Gramsci comentou o último editorial publicado em outubro por Benito Mussolini no *Avanti!* a respeito de uma possível entrada da Itália na guerra mundial. Ao contrário da maioria da direção socialista, a posição de Gramsci era de crítica à ideia de “neutralidade absoluta”, “que lhe parecia interna ao giolittismo, em um quadro de subordinação do movimento socialista à classe dominante e aos seus expoentes mais inteligentes, aqueles dos quais Giolitti era o *condottiero*” (D’ORSI, 2008, p. 130).

Gramsci defendeu a ideia de uma “neutralidade ativa e operante” lançada por Mussolini, palavra de ordem que, a seu entender, responsabilizava a burguesia e seu governo pela guerra e poderia ser combinada a um intenso trabalho de base socialista para enfrentar os impactos do conflito.¹⁴ Gramsci sentia “a necessidade de agir, a vontade de fazer”, de dar resposta ao tradicional imobilismo do partido socialista e da II Internacional (*idem*, p. 128). Para ele, aquele momento histórico era, para a classe trabalhadora, “de uma inegável gravidade”, e “porque tanto sangue versa e tantas energias são destruídas”, era “preciso agir” sobre todas as questões fundamentais (GRAMSCI, 1973, p. 7). Sua primeira intervenção pública apontava para a importância de localizar corretamente os socialistas naquele contexto de guerra, como um “Estado em potência que amadurece antagonista ao Estado burguês” (*idem*, p. 7).

Gramsci considerava este um importante momento do desenvolvimento de uma “dialética interna” pelo partido, fundamental para qualquer transformação política. Para conformação deste “Estado em potência”, era fundamental a elaboração de uma palavra de ordem capaz de conduzir à independência do PSI em relação ao Estado burguês. Para Mussolini, a “neutralidade ativa” era uma artimanha usada para conquistar uma margem de manobra na política imperialista italiana (D’ORSI 2004; 2008; RAPONE, 2011). Para Gramsci, esta

14 Neste período, assim como muitos socialistas, Gramsci nutria admiração por Mussolini, que representava no interior do PSI e perante a opinião pública, a renovação política contra o reformismo e o imobilismo. Alguns dias antes de publicar seu artigo na imprensa socialista, Gramsci chegou a enviar um cartão postal estampado com o rosto de Mussolini para a irmã Teresina que estava na Sardenha. (GRAMSCI, 2009, p. 165).

palavra de ordem era necessária pois tornava claro o conflito entre as classes, desfazendo a “extraordinária confusão” criada nos partidos e nas consciências, e servia como base para a diferenciação e definição das tarefas socialistas no sentido de uma ruptura revolucionária (GRAMSCI, 1973, p. 8; DIAS, 2000, p. 54; RAPONE, 2011, p. 28).

Este foi o primeiro episódio de polêmica entre Gramsci e Tasca, que se manteve ao lado da posição majoritária entre os socialistas. Em seguida, o isolamento político no interior do partido, as crises de saúde e a necessidade de trabalhar para se sustentar foram responsáveis por um período de afastamento de Gramsci da vida pública. Apesar das dificuldades, as cartas trocadas com companheiros evidenciam um retorno às atividades partidárias em Turim um pouco mais de um ano depois, em janeiro de 1916, com uma série de artigos nos jornais socialistas *Avanti!* e *Il Grido del Popolo*. O artigo *Socialismo e Cultura*, publicado em *Il Grido del Popolo* em 29 de janeiro sob o pseudônimo “Alfa Gamma”, recolocava justamente “o problema da cultura”, antes desenvolvido por Tasca, reintroduzindo Gramsci nas discussões públicas do partido.

Neste artigo, a cultura apareceu como o “problema de apoderar-se de si próprio”, de buscar uma sincronia entre a existência natural e a existência consciente (GRAMSCI, 1980, p. 99). Além disso evidenciava que, analisada de um ponto de vista histórico, a cultura havia se convertido em “consciência da igualdade humana” entre “plebeus” e “nobres” e, com isso, na fundação de uma nova “base e razão histórica para o surgimento da república democrática na antiguidade” e da república burguesa a partir da Revolução Francesa no presente (*idem*, p. 101). O enfoque de Gramsci compartilhava parcialmente as ideias de Salvemini e Tasca, mas possuía um elemento original. A cultura, aqui, não era apenas resultado de embates intelectuais, mas aparecia como produto de entrecosques sociais ao longo da história, e não apenas da “educação” oferecida por um grupo social à outro. O “problema supremo da cultura” era pensado por Gramsci em uma dimensão conflitiva, na medida em que a consciência da igualdade humana, cultural, se afirmava, ao mesmo tempo, como “princípio e limite” dos momentos de luta por essa igualdade. Dessa

maneira, estabelecia o que entendia por “uma justa compreensão do conceito de cultura, também em relação ao socialismo” (*idem*, p. 102).

Gramsci observava, absorvendo as considerações de Salvemini a respeito da Revolução Francesa, que “toda revolução é precedida por um intenso trabalho de crítica, de penetração cultural, um processo de permeabilidade de ideias entre grupos de homens antes refratários a elas” (*idem*, p. 101). A relação entre crítica e revolução mantinha, de fato, uma relação de “precedência”, mas a novidade proposta por Gramsci estava em retirar dos “intelectuais” a exclusividade do protagonismo neste processo. E, ao desenvolver este raciocínio, propôs uma nova definição para o conceito: “cultura é organização” (*idem, ibidem*).

Dessa forma, Gramsci traçava pela primeira vez a ideia da permeabilidade da cultura entre grupos sociais, ideia que ganharia enorme desenvolvimento posteriormente. Se a cultura é “permeável”, conhecer seus “fatores” seria tarefa fundamental para o desenvolvimento de um “estado de ânimo” orientado para um fim compartilhado, preparado, portanto, para agir nos momentos de “explosão” social (*idem, ibidem*). O reconhecimento do processo coletivo de formação da “consciência do eu, que se opõe aos outros, que se diferencia” orientava à identidade, em algum nível, entre cultura e política. Afinal, apenas ao se expressar socialmente e coletivamente este novo “eu” se tornava capaz de forjar “a meta a partir da qual se pode julgar os fatos e os acontecimentos por si e para além de si” (*idem*, p. 102).

Em seus artigos deste período de retorno, Gramsci realizou o elogio do Iluminismo, como o movimento que fora para a Revolução Francesa a concretização desse momento de trabalho crítico e penetração cultural, “uma magnífica revolução”, a partir da qual se formara, em toda a Europa, “como uma consciência unitária, uma internacional espiritual burguesa, sensível em toda parte às dores e desgraças comuns, e que foi a melhor preparação para a revolta sangüinária depois verificada na França” (*idem*, p. 102). Porém, ao pensar a Itália do presente, Gramsci dava um passo além do individualismo da crítica feita pela intelectualidade do começo do século XX à modernidade capitalista, expressiva nas revistas neoidealistas. O ambiente intelectual tradicional passava paulatinamente a ser deslocado pelo movimento em que as massas trabalhadoras se permitiam “sair do caos e tornar-se um elemento de

ordem”, consciente de sua história e engajado concreta e efetivamente, orientado em seus limites e princípios (*idem*, p. 99).

Neste contexto, era preciso uma nova forma de pensar a cultura, uma nova forma de compreender o processo de decadência da vida civil burguesa e o surgimento de novas formas de organização coletiva. Para tal, a ideia de “disciplina do próprio eu interior”, de “tomada de posse da própria personalidade”, deveria ser reformada (*idem*, p. 101). Gramsci compartilhava das reflexões levadas a cabo pelo francês Romain Rolland¹⁵ sobre o papel dos intelectuais na crise que culminara na grande guerra, em especial a ideia de que estes, “les idoles de La *Kultur*”, “vivem no reino das ideias” e, por isso, “na crise atual, não apenas foram os mais expostos ao contágio bélico, como contribuíram prodigiosamente para difundi-lo”, na medida em que a paixão “aderiu à concepção que melhor serviu” (ROLLAND, 1953, p. 118, 125).

Para a conformação de uma vida cultura “verdadeira”, era preciso pensar um plano de “atração”, em especial para as gerações mais jovens, um programa que representasse “uma necessidade do espírito, a necessidade de estar junto entre companheiros de ideal e de luta” (GRAMSCI, 1980, p. 238). Gramsci notava que, apesar das várias iniciativas culturais, essa tarefa não podia ser realizada plenamente pelos círculos intelectuais tradicionais, cuja energia e potencialidade de desenvolvimento haviam caducado, “perdido qualquer calor interno” e que representavam, agora, “a proibição da livre discussão” (*idem*, p. 238-239).¹⁶

Em sua opinião, “a educação socialista do proletariado” seria a única capaz de resolver “a cada dia, em cada ato, por meio de cada atitude ideal”, de maneira “equilibrada, geométrica, por assim dizer, e não superficial”, o problema da

15 Neste caso, na referência ao artigo de Rolland *Les idoles*, de dezembro de 1914, no artigo *Intellettualismo* [Intellectualismo], publicado em 11 de janeiro de 1916 na rubrica *Sottola Mole*, no jornal *Avanti!* O romancista e crítico de arte francês Romain Rolland (1866-1944) cumpriu um importante papel na difusão da posição contra a guerra e em defesa de uma postura militante dos intelectuais nesse sentido. Alguns de seus principais artigos escritos durante a guerra foram traduzidos pelos jornais socialistas, e suas ideias tiveram muita influência sobre Gramsci e parte da intelectualidade italiana da época (cf. D’ORSI, 2011).

16 Reflexão expressa no artigo *Giovani decrepiti* [Jovens decrépitos], publicado por Gramsci no *Avanti!*, em 4 de abril de 1916 (também citado em DIAS, 2000).

cultura (*idem*, p. 382). Aqui, mais uma vez, aparecia a ideia de cultura como processo pedagógico e político, conduzido não como transmissão de um somatório de conhecimentos (“saber enciclopédico”), mas como formação para a elaboração e realização de todas as tarefas colocadas, na medida de sua “afirmação plena em todas as complexas e diversas atividades” (*idem*, p. 382).

Por um lado, Gramsci refletia sobre a necessidade de “conferir à palavra um conteúdo” e à “força moral” a “convicção sincera”, única capaz de conferir dignidade ao convencimento (*idem*, p. 328).¹⁷ Por outro, tinha a preocupação de que esta iniciativa servisse como crítica da apatia em que se encontrava a maioria da população com relação à política italiana. Foi com essa preocupação que, em 8 de setembro, em *La scuola all’officina* [A escola na oficina], publicado também no *Avanti!*, apresentou “o problema da educação” como “o máximo problema da classe”.

Naqueles dias, o governo avançava na proposta de empregar os estudantes da “escola média” (equivalente ao ensino médio atual) na crescente indústria de fabricação de armamentos. Gramsci percebia que por meio dessa experiência uma jovem geração inteira, “da qual se espera a renovação italiana”, seria formada (*idem*, p. 536). Porém, essa formação se daria pela “exaltação da oficina” e pela “depressão da escola”, estabelecendo um antagonismo entre a “escola do trabalho” e o “saber desinteressado” (*idem*, p. 537).

Em sua opinião – retomando o método com que Salvemini havia olhado para a universidade alguns anos antes – seria preciso partir da diferenciação histórica entre esses dois universos, o intelectual e o do trabalho na fábrica, e permitir aos jovens a escolha de em qual gostariam de se dedicar com afinco. A escola “deve ser verdadeiramente escola” e a oficina não deve ser “uma prisão perpétua”. Salvemini havia proposto uma divisão da escolha em três níveis, técnico, médio e de alta complexidade, e concentrara sua atenção em fortalecer a formação humanista nos estratos sociais médios. Afinal, ali era para ele o lócus da formação cultural de uma nova classe dirigente.

Para Gramsci, o problema estava em permitir o desenvolvimento em termos democráticos de uma geração capaz tanto de “um trabalho profícuo nas

17 Artigo *Audacia e fede* [Audácia e fé], publicado em 22 de maio de 1916, na rubrica *Sotto la mole* do jornal *Avanti!*

artes liberais”, como “de oferecer à fábrica aquilo que a ela falta: dignidade e reconhecimento da sua função indispensável” (*idem*, p. 537). Em sua opinião, isso contribuiria para equiparar – moral e concretamente – o operário a qualquer outro profissional. Aqui, a cultura era vista como organização não apenas em termos partidários, mas em um sentido mais amplo, histórico mas também pedagógico e econômico, capaz de informar um programa político de longo alcance para a nação.

Isso significava “oferecer ao programa de educação do povo um conteúdo real, definido a partir da consciência direta e imediata das suas necessidades, das suas aspirações, dos seus direitos e deveres” (*idem*, p. 643). Para tal, como “primeira emancipação da servidão política e social”, o programa de cultura do proletariado deveria ser “formulado e efetivado pelos órgãos que o proletariado mesmo constituísse, em defesa dos próprios interesses” (*idem*, p. 643). A cultura passava a ser colocada, dessa vez, não mais como questão partidária ou nacional-histórica e econômica, mas como um problema de organização política de massas, como “um massivo problema de classe, que não pode ser resolvido senão sobre o ponto de vista de classe” (*idem*, p. 643).

Indivíduo, história, intelectuais, escola, economia, partido: a multiplicidade de sentidos foi a forma com que Gramsci tratou da ideia cultura em seus primeiros artigos públicos, promovendo uma explosão conceitual, provocando e tracionando a tradição neoidealista. Este exercício, que se tornaria típico ao pensamento gramsciano, acompanhava o movimento massivo de indagações e revoltas que se expressava na vida das massas italianas, em seu desencantamento incontrolável com a política e os políticos. Uma crise cultural para a qual era preciso dar respostas.

Ainda em seus escritos durante a guerra, em 29 de dezembro de 1916, Gramsci retomou o problema da cultura no artigo *L'Università Popolare* [Universidade Popular], por meio da pergunta “por que não se foi capaz de solidificar um organismo de divulgação da cultura em Turim?” (1973, p. 23). Sua crítica se dirigia à Universidade Popular, criada para absorver a parcela da população que não alcançara os estudos universitários regulares. Esta instituição, em sua opinião, não fora capaz de “criar um público” pois

reproduzia um sistema de ensino dogmático, sem estimular nos estudantes o “esforço por conquistar a verdade” (*idem, ibidem*).

Para que “cada um” pudesse desenvolver o “estado de ansiedade que precede uma descoberta”, continuava, era preciso remover todo esquematismo da forma como se ensina, e “falar da série de esforços, erros e vitórias que permitiram o alcance do conhecimento atual” (*idem, ibidem*). Inspirado pelas ideias de Croce, concluía que todo conhecimento não é senão a história deste conhecimento, na medida em que “forma o estudioso, permite em seu espírito a elasticidade da dúvida metódica”, “purifica a curiosidade” (*idem, ibidem*).

Gramsci falava de si próprio: “quem escreve esta nota fala um pouco por experiência pessoal”, como “jovem universitário” que se interessou pelo ensino quando “o professor mostrou todo o trabalho de pesquisa conduzido por séculos para aperfeiçoar o método de pesquisa”, “liberando o espírito de preconceitos”, “apriorismos”, “sentimentalismo”, “retórica” (*idem, p. 23-24*). A parte vital de todo estudo era, para Gramsci, o “espírito criativo, capaz de fazer assimilar os dados enciclopédicos em seu lugar, fundidos em uma nova chama ardente de uma nova vida intelectual” (*idem, p. 24*).

Agora, propunha a ideia de que a cultura seria organização na medida em que esta fosse capaz de resgatar aquele “eu” cultural reivindicado por Tasca na polêmica com Bordiga em 1912. Aqui, o “eu” perdia seu contorno tradicional, restrito aos grupos de intelectuais, para encarnar um “público”, ainda bastante vago, mas nascente. Um público que não possuía aquela formação intelectual precedente e para o qual o ensino poderia se tornar “um ato de libertação” (*idem, ibidem*). Este público deveria ser capaz de aprender com a história, que os erros e enganos fazem parte da busca pelas certezas e pelo conhecimento, e que, portanto, pudesse compreender o conhecimento como parte de sua própria realidade, já que este “é o caminho que todos devem percorrer” (*idem, ibidem*).

A cultura, portanto, deveria ser pensada como ato *público*, coletivo, de conhecimento e como método pelo qual se reconhece que todo conhecimento será substituído por outro e é, portanto, histórico. Gramsci buscou, a seu modo, propor os contornos de um novo “Iluminismo”, que para ele significava a historicização completa do conhecimento. O “Iluminismo burguês” fora capaz de contar a história antiga e feudal, mas não a sua própria história e, por isso, a

“cultura” se mantivera cristalizada em um “eu” abstrato, alienado historicamente. Gramsci via no desenvolvimento do pensamento europeu desde meados do século XIX, passando pelos neoidealistas italianos, as bases fecundas para este novo “Iluminismo”. Mas sabia que este movimento de ideias só poderia encontrar no movimento socialista a sua realização plena. E o movimento socialista, para reencontrar seu lugar ao lado das massas trabalhadoras, precisaria enxergá-las como sujeito da cultura.

Apontamentos finais

Este artigo evidenciou que, ao longo da década de 1910, a cultura adquiriu espaço central nos debates no interior do movimento socialista. Que este tema, resgatado pelos intelectuais da corrente neoidealista italiana, ganhou os círculos militantes, em especial entre os jovens do Partido Socialista Italiano. Por um lado, a posição de Bordiga expressou o ascenso da ala esquerda revolucionária no interior do partido, impulsionada pelos valores maximalistas originários, críticos ao reformismo e ao parlamentarismo. Para esta posição, porém, a cultura nada mais representava que um apêndice da ação política radical, como um resíduo individual da luta coletiva.

Tasca, por sua vez, representou a absorção profunda do caráter pedagógico, e mesmo religioso, da cultura. Aqui, a política tendia a ser incorporada pela atividade evangelizadora, por uma promoção intelectual capaz de realizar as transformações necessárias para alcance de uma sociedade nova. Tasca pode ser considerado um tradutor, no interior do movimento socialista, da orientação salveminiana.

Gramsci, desde suas primeiras intervenções públicas, evidenciou sua proximidade à posição de Tasca, com quem partilhava a ideia de cultura como educação coletiva, imprescindível para o avanço do movimento socialista. Porém, já neste momento evidenciou o esforço por compreender este conceito de maneira polissêmica, expandindo-o à noção de organização e partido. Esta ampliação permitiu a proposição de um “novo Iluminismo”, diferente da interpretação dada por Salvemini ao que fora empreendido pelos intelectuais europeus antes da Revolução Francesa.

O iluminismo gramsciano compreendia relação entre intelectuais e massas de um ponto de vista dialético, na qual se desenvolvem processos permanentes de mediação, de compreensão ou incompreensão mútua. A cultura, neste caso, era também política: ferramenta capaz de promover a coesão ou sofrer a dispersão social; critério de pesquisa da relação histórica entre governantes e governados; e, finalmente, um caminho – ainda que contraditório – para a autonomia, individual e coletiva, no interior do capitalismo.

Referências bibliográficas

- AMENDOLA, Giovanni. Mezzogiorno e la cultura italiana. *La Voce*, a. I, n. 4, p. 13-14, 7 jan. 1909.
- ARFÉ, Gaetano. *Storia del Socialismo Italiano. 1892-1926*. Torino: Einaudi, 1965.
- BARNI, Ugo. Dopo Bologna. *L'Avanguardia*. Giornale di propaganda e di battaglia socialista, a. VI, n. 258, p. 1, 29 set. 1912.
- BERTACCHINI, Renato. La Voce: le opere e i giorni. *Italianistica*, n. 2, p. 315-317, 1988.
- BINNI, Walter. Importanza dell movimento della Voce. *Il Campano*, a. XIII, n. 3/4, p. 28-30, mai.-jul. 1935.
- BORDIGA, Amadeo. La posta dell' "Unità". Il problema della cultura e i giovani socialisti. *L'Unità*. Problemi della vita italiana, a. I, n. 46, p. 184, 26 out. 1912a.
- _____. La posta dell' "Unità". Ancora il problema dei giovani socialisti. *L'Unità*. Problemi della vita italiana, a. I, n. 48, p. 192, 9 nov. 1912b.
- COMITATO CENTRALE. Ai costritti della classe 1891. *L'Avanguardia*. Giornale di propaganda e di battaglia socialista, a. V, n. 213, p. 1, 8 out. 1911a.
- _____. Federazione Italiana Giovanile Socialista. Seduta del 22 ottobre 1911. *L'Avanguardia*. Giornale di propaganda e di battaglia socialista, a. V, n. 216, p. 3, 29 out. 1911b.
- CROCE, Benedetto. La Voce, diretta da G. Prezolini. *La Critica - Rivista di Letteratura, Storia e Filosofia*, v. 7, p. 300, 1909.
- _____. Introduzione. In.: SOREL, G. *Considerazioni sulla violenza*. Bari: Gius. Laterza & Figli, 1926.
- _____. *Materialismo Storico ed Economia Marxistica*. Bari: Laterza, 1927.

- DE FELICE, Renzo. *Mussolini il rivoluzionario. 1883-1920*. Torino: Giulio Einaudi, 1995.
- D'ORSI, Angelo. *L'Italia delle idee. Il pensiero politico in un secolo e mezzo di storia*. Milano-Torino: Bruno Mondadori, 2011.
- _____. Piero Gobetti. In: *Enciclopedia Italiana di scienze, lettere ed arti*. Il contributo italiano alla storia del pensiero. Ottava Appendice. Catanzaro: Abramo Printing, 2012.
- _____. Gramsci e la guerra: dal giornalismo alla riflessione storica. In: GIASI, F. (a cura di) *Gramsci nel suo tempo*. Roma: Carocci, 2008. v. 1
- _____. Introduzione. Antonio Gramsci e la sua Torino. In: GRAMSCI, A. *La Nostra città futura: Scritti torinesi (1911-1922)*. D'ORSI, A. (org.). Roma: Carocci, 2004.
- _____. *La cultura a Torino tra le due guerre*. Torino: Einaudi, 2000.
- _____. Il modello vociano. Esperienze culturali nella Torino degli anni Venti. *Studi Storici*, a. 31, n. 4, p. 867-887, out.- dez. 1990.
- GARIN, Eugenio. Benedetto Croce, o della “separazione impossibile” fra política e cultura. *Belfagor – Rassegna di varia umanità*, a. XXI, n. 6, nov. 1966.
- GENTILE, Giovanni. *Scuola e filosofia: concetti fondamentale*. Napoli: Remo Sandron, 1908.
- GRAMSCI, Antonio. *Cronache Torinesi (1913-1917)*. a cura di Sergio Caprioglio. Torino: Einaudi, 1980.
- _____. *Lettere 1908-1926*. a cura di Antonio Santucci, Einaudi, Torino, 1992.
- _____. Epistolario I. gennaio 1906 – dicembre 1922, a cura di D. Bidussa, F. Giasi, G. Luzzatto Voghera e M.L. Righi, Istituto della Enciclopedia Italiana fondata da Giovanni Treccani: Roma, 2009. 2v.
- _____. *Sotto la mole: 1916-1920*. Torino: Giulio Einaudi, 1960.
- _____. *Lettere dal Carcere*. Torino: Giulio Einaudi, 1973.
- _____. *Scritti politici*. a cura di Paolo Spriano. Roma: Editori Riuniti, 1973b.
- _____. *Il nostro Marx*. Torino: Giulio Einaudi, 1984.
- _____. *La Nostra città futura: Scritti torinesi (1911-1922)*. D'ORSI, A. (a cura di). Roma: Carocci, 2004.

L'AVANGUARDIA. III Congresso Giovanile Socialista Piemontese. *L'Avanguardia*. Giornale di propaganda e di battaglia socialista, a. VI, n. 254, p. 3, 25 ago. 1912a.

_____. III Congresso Giovanile Socialista Piemontese. *L'Avanguardia*. Giornale di propaganda e di battaglia socialista, a. VI, n. 257, p. 4, 15 set. 1912b.

_____. Per nostro indirizzo politico. *L'Avanguardia*. Giornale di propaganda e di battaglia socialista, a. VI, n. 256, p. 1, 8 set. 1912c.

_____. V Congresso Giov. Soc. Romagnolo. *L'Avanguardia*. Giornale di propaganda e di battaglia socialista, a. V, n. 218, p. 3, 12 nov. 1911.

LA VOCE. Perchè non si deve andare a Tripoli. *La Voce*, a. III, n. 33, p. 631-632, 17 ago. 1911.

_____. Perchè non si deve andare a Tripoli II. *La Voce*, a. III, n. 35, p. 639-640, 17 ago. 1911b.

_____. Perchè non si deve andare a Tripoli III. *La Voce*, a. III, n. 36, p. 643-644, 17 ago. 1911c.

_____. L'annata triste. *La Voce*, a. III, n. 33, p. 631, 17 ago. 1911d.

_____. A Tripoli. *La Voce*, a. III, n. 40, p. 661, 05 out. 1911e.

_____. La cultura italiana e Tripoli. *La Voce*, a. III, n. 39, p. 657-659, 28 set. 1911f.

_____. Lega antiprotezionista. *La Voce*, a. V, n. 41, p. 657-659, 9 out. 1913.

L'UNITÀ. La posta dell' "Unità". Il problema della cultura e i giovani socialisti. *L'Unità*. Problemi della vita italiana, a. I, n. 46, p. 184, 26 out. 1912a.

_____. La posta dell' "Unità". Ancora il problema dei giovani socialisti. *L'Unità*. Problemi della vita italiana, a. I, n. 48, p. 192, 9 nov. 1912b.

MARANELLI, Carlo. Per una organizzazioni di cultura. *L'Unità*. Problemi della vita italiana, a. I, n. 46, p. 182, 26 out. 1912.

MUSSI, Daniela. *Política e literatura: Antonio Gramsci e a crítica italiana*. São Paulo: Alameda, 2014.

MUSSOLINI, Benito. *Opera Omnia*. Florença: La Fenice, 1953. v. 5

_____. *Opera Omnia*. Florença: La Fenice, 1953b. v. 6

_____. *Opera Omnia*. Florença: La Fenice, 1953c. v. 7

- NATOLI, Claudio. Grande Guerra e rinnovamento del socialismo negli scritti del giovane Gramsci (1914-1918). In: GIASI, F. (a cura di) *Gramsci nel suo tempo*. Roma: Carocci, 2008. v. 1
- _____. L'epistolario di Antonio Gramsci. *Manifesto Sardo*. 1 jun. 2011. Disponível em: <http://www.manifestosardo.org/lepistolario-di-antonio-gramsci/#sthash.TL0nv4bf.dpuf> (Acesso em 27 mai. 2014)
- PAPINI, Giovanni. L'Italia risponde. *La Voce*, a. I, n. 1, p. 1-2, 20 dez. 1908.
- _____. La nostra promessa. *La Voce*, a. I, n. 2, p. 5, 27 dez. 1908b.
- PAPINI, Giovanni e PREZZOLINI, Giuseppe. La fine. *Leonardo*, a. V, p. 257-263, 1907.
- PEPE, Adolfo. *Movimento operaio e lotte sindacali: 1880-1922*. Torino: Società Editrice Subalpina, 1976.
- PREZZOLINI, *Discorso su Giovanni Papini*. Florença: Libreria della Voce, 1915.
- _____. Al lettore. *La Voce*, a. I, n. 9, p. 33, 11 fev. 1909.
- _____. Il liberismo come azione morale. *La Voce*, a. V, n. 27, p. 1111-1112, 3 jul. 1913.
- _____. Rivista di Giovani. *La Voce*, a. V, n. 49, p. 1212, 4 dez. 1913b.
- _____. Cinqu'anni di "Voce". *La Voce*, a. V, n. 52, p. 1227, 25 dez. 1913c.
- _____. Il compito del partito socialista. *La Voce*, a. VI, n. 7, p. 55-56, 13 abr. 1914.
- PROCACCI, Giovanna (org.). *Stato e classe operaia in Italia durante la Prima Guerra Mondiale*. Milano: Franco Angeli, 1983.
- RAGIONIERI, Ernesto. *Italia Giudicata, 1861-1945: ovvero la storia degli italiani scritta dagli altri*. Torino: Einaudi, 1976. v. 2
- RAPONE, Leonardo. *Cinque anni que paiono secoli. Antonio Gramsci da socialismo al comunismo (1914-1919)*. Roma: Carocci, 2011.
- _____. Critica dell'Italia (e degli italiani) e antigiolittismo nel giovane Gramsci. In: GIASI, F. (a cura di) *Gramsci nel suo tempo*. Roma: Carocci, 2008. v. 1
- RIOSI, Alceo. *Angelo Tasca socialista: con una scelta di suoi scritti (1912-1920)*. Venezia: Marsilio, 1979.
- ROLLAND, Romain. *L'esprit libre*. Paris: Albin Michel, 1953.
- ROMANO, Salvatore Francesco. *Antonio Gramsci*. Torino: UTET, 1965.

- ROMANÒ, Angelo. Introduzione. In: *La cultura italiana del'900 attraverso le riviste*. Torino: Einaudi, 1960. v. 3
- RUSO, Luigi. I corsivi di Gramsci. *Belfagor- Rassegna di varia umanità*, a. XV, p. 472-478, 31 jul. 1960.
- SALVEMINI, Gaetano. *La Rivoluzione Francese (1788-1792)*. Milano: L. F. Palestini & C., 1905.
- _____. Cocó all'Università di Napoli o la scuola della mala vita. *La Voce*, a. I, n. 3, p. 9-10, 3 jan. 1909.
- _____. La riforma della scuola media. *La Voce*, a. I, n. 24, p. 93-97, 27 mai. 1909b. (p. 93-97)
- _____. Il Partito socialista nel presente momento. *La Voce*, a. II, n. 44, p. 412-414, out. 1910.
- _____. A proposito di Tripoli e di Giolitti. *La Voce*, a. III, n. 39, p. 660, 28 set. 1911.
- _____. La scuola unica clandestina. *L'Unita - problemi della vita italiana*. a. II, n. 19, p. 295, 9 mai. 1913.
- _____. La neutralità "assoluta". *L'Unita - problemi della vita italiana*. a. III, n. 32, 7 ago. 1914. (p. 561)
- SALVEMINI, Gaetano; GALETTI, A. *La riforma della scuola media: notizie, osservazioni, proposte*. Napoli: Remo-Sandron, 1908.
- SANTARELLI, Enzo. *La revisione del marxismo in Italia: studi di critica storica*. Milano: Feltrinelli Economica, 1977.
- SCAVINO, Marco. La crise del fine ottocento e l'età giolittiana. In: BONGIOVANNI, B. e TRANFAGLIA, N. (orgs.). *Le classi dirigenti nella storia d'Italia*. Roma-Bari: Laterza, 2006.
- SILVA, Pietro. I giovani socialisti. *L'Unità*. Problemi della vita italiana, a. I, n. 44, p. 174-175, 12 out. 1912.
- SPRIANO, Paolo. *Storia del Partito comunista italiano. Da Bordiga a Gramsci*. Torino: Einaudi, 1967. v. 1
- _____. *Storia di Torino operaia e socialista. Da De Amicis a Gramsci*. Torino: Einaudi, 1958.
- _____. Introduzione. In: AMENDOLA, E. *Storia fotografica del partito comunista italiano*. Roma: Riuniti, 1981. v. 1
- SOAVE, Sergio. Gramsci e Tasca. In: GIASI, F. (a cura di) *Gramsci nel suo tempo*. Roma: Carocci, 2008. v. 1

- _____. (org.) *Un eretico della sinistra*. Angelo Tasca dalla militanza alla crisi della politica. Milano: Franco Angeli, 1995.
- SOREL, Georges. *Réflexions sur le violence*. Paris: Marcel Rivière e Cie., 1910.
- TASCA, Angelo. La posta dell' "Unità". Il problema della cultura e i giovani socialisti. *L'Unità*. Problemi della vita italiana, a. I, n. 46, p. 184, 26 out. 1912.
- _____. Note d'un "culturista". *L'Avanguardia*. Giornale di propaganda e di battaglia socialista, a. VI, n. 267, p. 2, 22 dic. 1912b.
- Note d'un "culturista". *L'Avanguardia*. Giornale di propaganda e di battaglia socialista, a. VI, n. 268, p. 2, 29 dic. 1912c.
- VELLA, Arturo. Dopo il Congresso di Modena. Unità. *L'Avanguardia*. Giornale di propaganda e di battaglia socialista, a. V, n. 216, p. 1, 29 out. 1911.
- _____. La vecchia via. *L'Avanguardia*. Giornale di propaganda e di battaglia socialista, a. VI, n. 234, p. 1, 3 mar. 1912.